

5

A salvação como esperança escatológica realização plena do homem

Introdução

Quando o apóstolo dos gentios afirma que se Cristo não ressuscitou então a nossa pregação é vazia e vazia também nossa fé” (I Cor. 15,14s), ele coloca nesta afirmação o pressuposto fundamental da fé cristã na ressurreição de Jesus. Na antropologia teológica de Pannenberg a idéia de realização do reino de Deus, como cumprimento da salvação escatológica e da esperança cristã se faz muito presente em sua obra. Para Pannenberg, é possível afirmar que a realização do homem como imagem e semelhança de Deus se dará somente na experiência da ressurreição definitiva. É no *eschaton* que o homem se realizará plenamente e o fundamento dessa realização é Jesus Cristo.

Aqui trabalharemos o tema da salvação como realização plena da experiência de Deus no homem. Pannenberg mostra que o homem espera a realização de seu destino e, pela experiência humana situada no mundo, ele se percebe como natureza, destinado a Deus.

É no sentido de desejo de realização humana como esperança que se pode falar do reino de Deus como esperança cristã e das promessas da parte de Deus já feitas a nossos pais na fé. O reino representa o revelar pleno da Criação e esta plenitude se dará na escatologia¹. É Deus quem promete, e deste modo, a esperança escatológica se apóia em Deus. A reflexão antropológica em escatologia pode se reconhecer com uma função limitada, pois tal realidade depende de Deus e não do ser humano². A antropologia constitui apenas um terreno sobre o qual se

¹ PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática** 3. p.553 et. seq. Além de todos os debates presentes em Pannenberg para dirimir as dúvidas emergentes diante das distintas formulações sobre o tema da escatologia no que se refere à vida após a morte, o foco de sua abordagem está voltado para relacionar a escatologia com a realização do reino de Deus, bem como, com a realização da pessoa humana na sua totalidade, pela salvação escatológica que acontece, através da comunhão, entre a comunidade dos crentes e Jesus. Ao voltarmos a citar este volume da **teologia sistemática** de Pannenberg, recorreremos ao modo abreviado **TS3**, mais nome do autor e número de pagina.

² Cf. *Ibid.*, p. 567.

pode argumentar sobre uma esperança escatológica cristã com abordagem universalista, mas não está no poder humano satisfazer tal esperança, senão somente em Deus.

Para Pannenberg, a mais importante contribuição que a teologia contemporânea ofereceu em vista de uma motivação e interpretação antropológica dos enunciados escatológicos foi apresentada por Karl Rahner. Para este o que é fundamental para a escatologia é, de um lado, o caráter oculto do futuro cumprimento escatológico de outro a relacionalidade do homem, como ser histórico, a este futuro³. Pannenberg afirma, através de K. Rahner, a dimensão escatológica como condição de inteireza do homem como salvação, a escatologia como escatologia universal e individual, sendo sempre o homem indivíduo e ser que existe na comunidade⁴.

Quando se fala de futuro, como certeza diante de um presente que se apresenta ao homem de forma ainda fragmentada, a solução para tal dificuldade é a pessoa de Jesus Cristo, pois nela já se faz presente ao homem a certeza do futuro salvífico e da realização humana; certeza que já é realidade legível em Jesus Cristo⁵. Em Jesus toda humanidade se vê realizada no seu desejo e necessidade de salvação.

5.1

Libertados plenamente no Deus de Jesus Cristo

Neste momento é de grande importância estudarmos o tema da liberdade na compreensão cristã, já que esta se caracteriza, para Pannenberg como a forma mais verdadeira de vivenciar a plena liberdade. Sem negar todo alcance que a filosofia atinge na modernidade ao aprofundar o tema liberdade, ainda não se pode considerá-lo suficiente. O pleno sentido da liberdade humana para o homem, será

³ Cf. Ibid., p. 569. Pannenberg apresenta no uso das idéias de Rahner a afirmação que o futuro de salvação que espera o homem é o cumprimento do homem na sua totalidade, mas que tal conteúdo no presente ainda é marcado por uma misteriosidade, no presente tal futuro só pode ser captado de forma fragmentada pelo ser humano. É somente pela consciência escatológica que o homem visualiza a possível totalidade de tal futuro.

⁴ Cf. Ibid., p. 569.

⁵ Cf. Ibid., p. 570.

alcançado somente dentro do princípio cristão de liberdade, em que a liberdade é libertada no amor de Deus encarnado no Filho Jesus Cristo.

Se mais no início do estudo trabalhamos a liberdade mais voltada para a antropologia filosófica, aqui a abordaremos como realização cristã do ser humano e do seu fundamento em Jesus. Apresentaremos uma breve exposição do tema da liberdade plena alcançada em Jesus Cristo e, logo em seguida, ainda nesta temática, colocaremos alguns fundamentos bíblicos desta abordagem presentes no pensamento de Pannenberg.

Nos longos debates que Pannenberg realiza com vários autores sobre o tema liberdade, fica evidente em seu posicionamento que o sujeito humano só realiza o seu destino de liberdade quando busca fundamentá-lo em Deus⁶. Ao afirmar que o destino do homem é o caminho da felicidade e do bem, não se deve esquecer que o homem, no exercício de sua liberdade, está sujeito a se contradizer na sua escolha e pode escolher equivocadamente, isso devido aos enganos e equívocos que constituem as inconsistências humanas. O homem, no exercício de sua liberdade de escolha, não tem ainda a plena clareza do que deseja e do que busca como existência⁷. Com as dificuldades que o homem vive diante do uso de sua liberdade ele chega a perguntar se o destino que a ele se apresenta é a servidão e não a verdadeira liberdade. Mas a resposta é o homem buscar novo fundamento para a própria identidade e, no duro caminho da vida, construir a sua existência e as suas escolhas, fundamentando-as nos valores mais profundos da mesma. O que fica claro no pensamento de Pannenberg é que o homem usará corretamente sua liberdade no momento em que ele se colocar no caminho que se

⁶ Sobre o destino do homem na obra de Pannenberg fica evidente a contribuição do pensamento de Martin Heidegger, sobretudo na sua obra **ser e o tempo**, onde Heidegger aponta para elementos muito significativos da vida humana. Talvez o mais importante do diálogo de Pannenberg com este autor é o desfecho que o primeiro dá para o ser humano, uma vez que o segundo parece sugerir que o ser humano é um ser para a morte, enquanto Pannenberg vê o ser humano como Imagem de Deus e como abertura para Ele.

⁷ Pannenberg cita Paulo aos Romanos: “ Pois eu me comprazo na lei de Deus, enquanto homem interior, mas em meus membros descubro outra lei que combate contra a lei que a minha inteligência ratifica; ela faz de mim o prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Rm. 7,22ss.). Aqui se faz pertinente também citar Romanos 7,19 onde Paulo reforça essa idéia apresentada por Pannenberg quando o apóstolo diz: “eu faço o mal que não quero e deixo de fazer o bem que quero”.

destina a Deus. Deste modo, a liberdade humana não se realiza por completo como iniciativa somente do homem como ser finito, mas ela é também dom e graça da parte de Deus.

A solução da dificuldade vivida pelo homem na tensão existencial finito e infinito é efetuada na experiência da fé. A fé não aparece como possibilidade aberta para o homem, mesmo diante de sua liberdade, mas é uma possibilidade que se abre, da parte de Deus, ao homem⁸. Pannenberg elabora sua reflexão sobre a natureza humana e mostra que existe uma essência natural boa no ser humano. O homem experimenta no exercício da vontade livre o dilema constante entre centralidade e excentricidade. Quando a pessoa se abre, lançando-se para fora de si, ela verifica que há uma verdadeira desproporção vital na sua existência: um ser que é finito, mas que se vê voltado para um destino infinito⁹. Neste momento a pessoa inicia, pela confiança, uma experiência de algo que é maior e que vai além de sua finitude. O homem livremente se abre diante do mistério e se descobre religioso.

O tema da liberdade é ainda um tema que proporciona dificuldades para chegar a um consenso formal sobre ele, mas para a teologia já se confirma a importância da liberdade ao se tratar do ser humano e da sua relação com Deus. Pannenberg mostra em sua obra que, desde os padres antignticos, há uma preocupação em unir a noção de liberdade

⁸ Sem desconsiderar os prolongados debates sobre o tema pecado e liberdade elucidados longamente em célebres obras, como **De Gratia et Libero Arbitrio Liber Unus**, de Agostinho ou **Summa Theologiae, Summa contra Gentiles** de Thomas de Aquino e outras lembradas por Pannenberg. É relevante recordar, que tal temática vai chegar ao seu mais alto desenvolvimento na filosofia moderna iluminista, onde, junto com tal debate, surge também de forma mais aguda os debates sobre o homem como subjetividade, fundando um espaço para a antropologia que cada vez mais se volta para a experiência humana como contingência, relegando assim o Absoluto e o Transcendente do humano para um segundo plano ou para o acaso. Neste aspecto Pannenberg confronta-se com alguns filósofos que também participam deste cenário, mas ele não se fecha no próprio homem e na subjetividade. O exercício da liberdade como autoconsciência é força que possibilita intrinsecamente o homem a dirigir se para Deus.

⁹PANNENBERG,W. **APT**, p. 131. Pannenberg lembra que P. Ricouer, em sua obra o **Homem Falível**, mostra o conflito vivido pelo ser humano entre finito e infinito, relacionando com isso também a idéia de falibilidade bem como o exercício da liberdade como responsabilidade no agir do homem. Cabe ainda lembrar que no artigo já citado: **Fundamentação Cristológica de uma Antropologia Cristã**, Pannenberg afirma que o conceito de liberdade de escolha, que a teologia cristã introduziu e desenvolveu nas discussões com a gnose, serviu para inocular o Criador da origem do mal no mundo, apontando para a liberdade de escolha de Lúcifer e do primeiro homem (cf. PANNENBERG,W. **Fundamentação Cristológica de uma Antropologia Cristã**, Concilium 1973/6 N°. X. p.743s).

e de responsabilidade, pois do contrário, ficaria difícil de dar ao homem ou elogios ou castigos¹⁰.

Ainda se faz necessário dizer que a obtenção da liberdade total do homem somente pode ser experimentada na sua abertura para Deus. O autor insiste que é se abrindo a Jesus Cristo, numa resposta positiva à Graça, que o homem é verdadeiramente libertado. É pelo sim dado a Deus, na fé em Jesus que o homem encontra sua salvação como libertação plena e total. Nesta compreensão, a liberdade não é uma conquista pessoal, ela, sim é dom e Graça oferecidos aos homens.¹¹ É Jesus Cristo que se oferece ao ser humano como liberdade total, sendo somente nele que se dá a Graça da verdadeira liberdade. Esta idéia de Jesus Cristo como aquele que vem libertar o homem plenamente é muito presente nos textos bíblicos, sobretudo nos textos paulinos, em que tal compreensão se faz bastante acentuada. Neste sentido torna-se importante apresentar alguns traços que caracterizam o tema liberdade no contexto bíblico-cristão, uma vez que tal abordagem se mostra muito presente na antropologia teológica de Pannenberg.

5.1.1

A noção bíblico-cristã do tema liberdade

Quando se fala do homem como experiência de Deus a idéia de revelação marca indispensavelmente o enunciado precedente. De imediato, se pode perguntar: de qual forma Deus se revela ao homem? Para os cristãos, uma das vias de revelação é através da Palavra. A antropologia de Pannenberg está profundamente marcada pela presença da Palavra. Desse modo, para compreender o homem religioso neste autor, se faz necessário recorrer a tal recurso. Aqui trabalharemos a noção bíblico-cristã do tema liberdade.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, p.138.

¹¹ A abordagem do tema liberdade dentro de uma ótica cristã se faz bastante diversa da abordagem tratada na obra de J. P. Sartre. *L'Être et l'Ê Néant*, na qual a liberdade é tematizada exaustivamente, porém o autor prefere sacrificar a idéia de Deus em prol da liberdade. Neste sentido ele fecha os olhos para o destino do homem como esperança futura e definitiva, como foi exposto na antropologia teológica de Pannenberg. Para este a plenificação da liberdade humana se dá em Deus.

Ao situar a liberdade humana na perspectiva da dimensão bíblico-cristã, o autor faz entender que liberdade e essência humana se mostram idênticas. Assim, liberdade é o ser si mesmo do homem¹² na sua realidade. Sobre a temática que aborda a liberdade do homem na Bíblia, também deve se falar, que além de uma liberdade real, há uma liberdade formal, na qual o ser humano tem capacidade de escolher entre o bem e o mal e, portanto, de formular, na sua existência, a noção de consciência e de vontade. É no horizonte da liberdade formal que o ser humano consegue sua autotranscendência. O autotranscender do homem no uso da sua liberdade, na verdade, não é conquista livre de todos os condicionamentos, é Graça de Deus. Principalmente no Novo Testamento, a liberdade não é vista como algo próprio do homem, mas ela é efeito da presença salvadora de Cristo e de seu Espírito (Jn, 36,2)¹³.

Se, na problemática especificamente antropológica, Pannenberg não explicita tão amplamente o tema da obediência em relação à liberdade, isso se torna mais visível no seu tratado cristológico, em que Jesus, como novo Adão, liberta o velho Adão exatamente na obediência ao plano do Pai, assumindo assim, a sua missão de anunciar o reino de Deus no mundo. Por este ângulo de compreensão, a liberdade toma um caráter novo e passa a ser compreendida pelo cristão, também como serviço. Sendo assim, a liberdade não perde a sua fundamentação ontológica e teórica com base na razão e na consciência, porém ela adquire uma dimensão também de abertura e compromisso. Aceitando a mensagem de Cristo e seu projeto, o homem se torna verdadeiramente livre. Pannenberg usa o texto Paulino para afirmar que somos libertados “em virtude da libertação realizada em Jesus Cristo” (Rm 3, 24). Assim, ser libertado na liberdade oferecida por Jesus Cristo é, pois, atingir a plenitude da liberdade humana. Aos Gálatas, Paulo lembra que “*na plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher e sujeito à lei, para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos*” Gl 4,4) e, mais adiante o mesmo apóstolo diz: “*É para sermos verdadeiramente livres que Cristo nos*

¹² Cf. Ibid., p. 139.

¹³ Cf. Ibid., p.139.

libertou” (Gl 5,1)¹⁴. A libertação que Jesus oferece ao ser humano é fundada na obediência ao Pai e na sua unidade com Deus para a realização do projeto de implantação do Reino. Aqui, a liberdade de Jesus não se dá numa reivindicação de um “Livre arbítrio” para se decidir diante de Deus Pai, mas consiste na sua unidade com Deus¹⁵.

Antes da plenitude dos tempos e da chegada definitiva do Reino, o homem ainda vive sua liberdade limitada pela lei e pelas fraquezas; não se entregando a essa realidade, a da liberdade contingente deste mundo, o homem carrega consigo a esperança da liberdade plena sustentada na fé cristã e no horizonte escatológico do seu desejo de infinito. Deste modo a libertação plena é uma esperança futura, porém já se faz presente na vida do cristão, conseqüentemente libertado pela experiência da fé¹⁶.

A liberdade, no sentido cristão, é a comunhão com Jesus e a participação na sua filiação junto do Pai. Ser co-participante na filiação é ao mesmo tempo ter responsabilidade na instauração do reino de Deus, que é a missão de Jesus. A liberdade verdadeira permite ao homem, na crise diante de si e diante de Deus, superar essa crise e se deixar reconciliar com Deus. Mesmo com o peso da angústia existencial, que marca a trajetória humana, o homem que escolhe a resposta cristã para o uso de sua liberdade vive sua vocação criatural e experimenta a sua verdadeira liberdade de filho de Deus, assumindo uma identidade autêntica como indivíduo. Compreendida assim, a liberdade não é somente a liberdade da formulação conceitual filosófica como determinação da vontade, mas é também fruto da Graça, é dom do Espírito, que não liberta os homens unicamente da sua fixação no próprio ego, nem eleva, sobretudo, além de sua finitude, mas lhes tornam

¹⁴ **Bíblia Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola e Paulinas, Gálatas 4,4; 5,1.

¹⁵ PANNENBERG, W. **Fundamentos de Cristologia**. Salamanca: Sígueme, 1974, p.434 et. seq.

¹⁶ PANNENBERG, W. **TS3**. Brescia: Queriniana, 1996. A partir da p. 102ss. O autor aborda a relação liberdade, lei e direito, dialogando exaustivamente com Hegel, Kant, e F. Schleiermacher. Em tal problemática é possível evidenciar a dificuldade de confirmar uma liberdade plena no universo do conceito. Kant busca o formular dentro de uma compreensão proposta como *reino de uma vontade livre universal*, Hegel a transfere pra o espaço do *Estado*. Pannenberg aproxima-se de Scheleiermacher quando este trabalha com o conceito dentro da visão cristã, onde a liberdade total e plena só seria possível em Deus. O que fica bastante claro nas páginas que seguem tal debate é que a plenitude do Reino, numa perspectiva cristã tem sua realização na realização escatológica.

permanentemente livres e os fazem participantes da filiação de Jesus Cristo (Rm 8,13ss)¹⁷.

A liberdade cristã em Pannenberg é o recebimento do dom oferecido por Deus ao homem. É pela abertura, como escuta ao convite feito por Deus ao homem na história, que favorece a este, superar a situação de pecado e de fechamento, projetando-o dessa forma para além de seu horizonte de fechamento numa atitude de excentricidade. Neste processo, a liberdade se faz liberta do egoísmo e da servidão, colocando o homem diante de uma missão, a missão de ser sinal do amor de Deus entre os homens. Assim sendo, liberdade é também abertura para a vivência do amor fraterno¹⁸.

Como conclusão, pode-se dizer que a liberdade humana é uma grande conquista no decorrer da história da cultura. Não teria como falar do ser humano se retirássemos dele o princípio de liberdade; logo, esta se faz intrínseca a ele. Por um lado, a liberdade, ao mesmo tempo em que é um princípio universal, formulado e fundamentado na razão formal, tornando-se assim um princípio necessário e, para muitos, absoluto, por outro lado, ela ainda é uma realidade incompleta e, a cada dia o homem deseja mais e mais liberdade. Desse modo, no processo das reflexões sobre o tema liberdade há de se pontuar, que a sua plenitude conceitual ainda não se concilia com sua dimensão empírica.

Pannenberg, marcado pela modernidade, pontua como é imprescindível a liberdade humana. Para ele esta se torna plena e absoluta somente em Deus, através de Jesus Cristo. Assim, o cristão que responde com sua fé ao amor de Deus é um homem verdadeiramente liberto. Para complementar o sentido desta afirmação antecedente é que abordaremos no próximo tema a figura de Jesus Cristo como o que vem revelar Deus e nos indicar o caminho da plenitude humana.

¹⁷Cf. Ibid., p.135ss, p.149 et. seq.

¹⁸ A partir da página 196 da sua obra **APT (Antropologia na Perspectiva Teológica)**, Pannenberg trabalha longamente o tema do ser humano e a sua relação com o mundo e a sociedade. Em tal abordagem pode-se confirmar a importância do amor e do serviço para a compreensão da identidade e da liberdade do homem. Também na compreensão do tema amor fraterno cabe indicar a obra de Mário de França Miranda. **A Salvação de Jesus Cristo – A doutrina da Graça**. São Paulo: Loyola. p.125-149.

5.2

Jesus Cristo como revelação de Deus no Homem

5.2.1

Jesus Cristo protótipo de homem na antropologia teológica cristã

Foi possível anteriormente pensar o homem como aquele que por natureza é portador da dimensão religiosa. O religioso constitui elemento essencial do homem na sua realidade como ser. A dimensão religiosa, conforme Pannenberg, eleva o homem até o seu destino mais autêntico e original, o de ser imagem e semelhança de Deus. Aqui podemos dizer que todo nosso esforço em situar o homem diante dele mesmo, em suas dimensões espírito-corpo, bem como na sua relação com o mundo e com os outros não foi com uma finalidade meramente antropológica. Mesmo considerando a indispensabilidade da antropologia para enxergar o homem e situá-lo no mundo, a preocupação desta abordagem em Pannenberg tem um fundamento que está localizado não na pura antropologia, mas numa antropologia que adquire o *status* de teológica. Nesse sentido o que foi realizado até este momento na abordagem antropológica e filosófica do estudo tinha apenas uma finalidade: pelo antropológico do homem chegar ao teológico deste mesmo homem.

O aprofundamento antropológico que o homem faz na busca intensa de si como totalidade, faz com que ele não seja um ser fechado em si mesmo, mas ao contrário, que se abra numa atitude de amor e gratuidade ao mundo, ao outro e a Deus – cumprindo assim seu destino mais essencial.

O destino do homem é Deus, e Pannenberg deixa isso muito evidente em sua antropologia teológica. Ao assumir em sua reflexão tal propósito, a sua antropologia se eleva à teologia, e o homem, nas suas características antropológicas, alcança a condição de homem religioso e atinge a sacralidade, o divino. Nesta parte do trabalho faz-se necessário mostrar que em Pannenberg o modelo perfeito de homem para o ser humano é Jesus Cristo; Jesus é também aquele que representa a

superação dos limites e das fragilidades humanas. Deste modo, é em Jesus Cristo que o homem se eleva ao seu destino final e alcança a sua plenitude, já presente na criação pelo traço divino deixado no homem pela *imago Dei*.

No momento em que Pannenberg apresenta Jesus Cristo como modelo para o homem, fica afirmada aí a posição antropológica deste autor que, como um profundo teólogo sistemático cristão, não haveria de confirmar outra realidade senão esta: A salvação do homem está em Jesus Cristo. Mas não uma salvação fora da história e alienada do mundo, ao contrário, ela se dá na história e no homem situado no aqui da experiência. Não se pode esquecer de afirmar que o Filho se faz homem, se encarna para elevar o homem à condição divina. A antropologia adquire um caráter cristológico e a cristologia parte do homem revelado em Cristo Jesus.

Nos longos estudos e debates cristológicos¹⁹ sempre esteve presente a esta temática qual o caminho a ser seguido na cristologia. Ao definir o caminho, se definia também o tipo de abordagem cristológica, bem como as implicações na antropologia cristã. Pannenberg faz presente uma reflexão que apresenta Jesus Cristo como Filho de Deus, relacionando esta filiação com a sua missão no mundo (Gl 4,4 Rm 8,3). Assim, a fé cristológica nasce da proclamação de que Jesus é o Cristo de Deus²⁰. Desse modo, é no homem Jesus que se autorevela o Filho preexistente de Deus. O Filho é revelado pela mediação humana no concreto da história. Ao afirmar Jesus Cristo, como modelo do homem novo, Pannenberg pontua a dimensão escatológica desta afirmação e este homem novo vem contrapor ao Adão, primeiro homem. Mais que tal contraposição, os cristãos começaram a ver neste homem novo o homem

¹⁹ Não entraremos aqui em tais debates cristológicos acontecidos no decorrer da história, pois isto fugiria da finalidade específica desta abordagem. Aqui cabe apenas mencionar o longo caminho bíblico-dogmático realizado com o intuito de chegar a uma síntese na compreensão de Jesus Cristo. Polarizando toda a dialética cristológica, quase sempre se fizeram presentes os que defendiam uma cristologia *descendente* e outros que optavam por uma cristologia *ascendente*, havendo ainda aqueles que buscaram uma articulação mais harmoniosa entre as duas Cristologias. Pannenberg não menospreza nenhuma das duas, mas fica evidente na sua posição que ele caminha para uma opção de fundamento histórico, e portanto, com traços mais característicos de uma cristologia ascendente.

²⁰ SANTANA, Marcos Antônio de. Op. Cit. p. 135.

escatológico, revelado em Jesus Cristo como destino de perfeição do homem, como pensava o apóstolo Paulo²¹.

Com o acontecimento da Encarnação do Filho, se cumpre a ordem de salvação (economia) prevista para o ser humano desde a origem e que encontra seu aperfeiçoamento em Jesus Cristo. Se o homem, como ser finito, não conseguiu a perfeição do início ao fim, sendo incapaz de entrar imediatamente na perfeita comunhão com Deus, então Deus enviou o *Logos* para que libertasse o homem do domínio da morte e de suas debilidades, permitindo-lhe conseguir tal perfeição ao conduzi-lo à perfeita comunhão com Deus²². Em Jesus Cristo, o homem é transformado na verdadeira e plena imagem do homem novo, o celeste.

Pannenberg traz à evidência, em conformidade com o apóstolo Paulo, a idéia de uma humanidade que se renova na obediência, morte e ressurreição de Jesus. A cristologia paulina apresenta Jesus como novo Adão, cristologia esta que influirá de maneira profunda também na teologia patrística. Para Paulo, os homens igualmente marcados pelo pecado e pela morte superam tais realidades pelo batismo e pela fé²³. Conforme os textos paulinos, se pela culpa de um só homem todos foram condenados ao pecado, agora no novo homem, por um só homem, todos foram libertados do pecado e da morte.

A presença do homem novo, como portador da salvação para o homem decaído, é revelada na pessoa de Jesus Cristo que entra na natureza humana para libertá-la de suas fraquezas. Ele aparece como salvador, e assim, a teologia do Novo Testamento revela Jesus obediente até a morte para a salvação de todos. Jesus pregava e anunciava conforme a sua missão²⁴.

Pannenberg não esquece de dizer que, embora tentasse individuar a divindade de Jesus na sua característica específica de homem celeste, a cristologia antiga conheceu e evidenciou também uma outra singularidade que conota a natureza humana de Jesus enquanto tal, no seu diferenciar-se do *Logos* e de todos os outros seres humanos, devido a sua

²¹ PANNENBERG, W. TS2, p. 339.

²² Cf. Ibid., p. 340.

²³ Cf. Ibid., p. 347.

²⁴ Cf. Ibid., p. 348.

impecabilidade. Nesta direção foi a afirmação cristológica do concílio de Calcedônia²⁵: o Filho de Deus, encarnando-se, é em tudo igual a nós, menos no pecado. A teologia da Igreja antiga buscou tal fundamento na perfeição moral de Jesus e na firmeza de sua união com Deus. A única qualidade que caracteriza o ser humano de Jesus na sua especificidade derivaria assim, de seu ser-por-si individual, idéia que influirá em certas interpretações modernas da santidade de Jesus²⁶.

Pannenberg, ao elaborar a sua reflexão cristológica na idéia soteriológica do novo Adão, ele tem presente o princípio da nova humanidade, humanidade que Jesus se faz autor pela perfeita unidade com o Pai e pelo sim a sua missão de implantar o reino de Deus no mundo. Jesus se faz obediente a Deus e solidário com toda humanidade (cf. 2Cor. 5,21). Por sua morte e ressurreição, ele se transforma em protótipo de uma nova humanidade. Todos os homens, isto quer dizer que, doravante, todos os homens deverão se renovar à sua imagem – que é a imagem de Deus (cf. 2 Cor. 3,18), participando de sua existência²⁷. Conforme se lê, a carta aos Hebreus afirma a humanidade de Jesus semelhante aos demais homens em tudo, exceto no pecado (cf. Hb. 4,15).

A constatação de (Hebreus 4,15) tornou-se uma constante na teologia a partir de Irineu e Tertuliano. Irineu afirmava o não cometimento de pecado por parte de Jesus, sem com isso afirmar que Jesus tenha tido uma natureza distinta da nossa. Tertuliano também atestava que Jesus assumira a carne pecadora, sem cometer pecado. Ele é um homem sem pecado devido à sua comunhão com Deus. Com tais afirmações, Irineu e Tertuliano vão ao encontro do pensamento Paulino, quando Paulo afirma

²⁵ O Concílio de Calcedônia afirmou a perfeita humanidade e a perfeita divindade de Jesus, onde se fazem presentes as duas naturezas inconfusas e imutáveis; indivisas e inseparáveis. Calcedônia foi uma forma de buscar um consenso entre Oriente e Ocidente. (cf. Theodor Schneider (org.). **Manual de Dogmática**, Vol. I. Cristologia, p. 219-400. São Paulo: Vozes, 2002.)

²⁶ O itinerário da abordagem histórico- dogmática, onde buscava definir a divindade e a humanidade de Jesus, verificando-se as grandes polêmicas e dificuldades que persistiram durante longos séculos. Vários modelos foram formulados até chegar a afirmação de Calcedônia. Vale citar o modelo de Apolinário de Laodicéia (*logos – sarx*) como também o *Logos- anthropos* e suas versões em Antioquia e Alexandria até chegar a conclusão da Unidade de Deus Filho e ser humano, Jesus Cristo. A fórmula de Calcedônia hoje constitui fundamento para a cristologia de todas as igrejas cristãs.

²⁷SANTANA, Marcos Antônio de. Op. Cit. p.274.

que Cristo se fez um de nós, assumindo a carne de pecado, permanecendo contudo sem pecado, libertando-nos do seu jugo (cf. Rm. 8,3)²⁸.

O que fica evidente é que a peculiaridade do Redentor residia na consciência que Ele tinha da presença de Deus em sua pessoa e essa presença é motivo da ausência de pecado. Tal consciência é aqui colocada como substitutivo da divindade; Jesus é visto como o Redentor; fundador de uma comunidade de redimidos e os indivíduos, ao serem incorporados a tal comunhão, se libertam do pecado e participam de uma nova sociedade que é denominada de Reino de Deus²⁹. A comunidade do reino de Deus é considerada uma nova etapa da evolução da humanidade. Esta nova realidade, trazida por Cristo, no âmbito da vida humana, é vista como uma nova criação, nova existência humana mais perfeita, levando a criação humana à sua consumação e à sua plenitude.

Em Jesus, tal consumação acontece no cumprimento livre de sua missão. Diante das tentações que Jesus enfrenta, como se pode ler nos sinóticos, há uma inclinação de confirmar a missão que lhe foi confiada por seu Pai com as expectativas de Israel, esquivando-se da proposta de Deus. O peso da tentação como abandono do caminho disposto por Deus ou o desespero diante dele fica evidente em sua oração no Horto das Oliveiras (cf. Mc. 14,35s; Mt. 26,39; Lc. 22,40-44) e também na cruz com sua súplica ao Pai³⁰. Deste modo a fidelidade de Jesus à sua missão pressupõe sua liberdade. Ela acontece no momento em que Ele não recusa uma resposta positiva à sua missão mantendo-se fiel a esta. Pode-se dizer que o drama vivido por Jesus não é solucionado em nenhuma instância humana, é somente no conteúdo de sua mensagem salvífica assumido na sua missão, missão esta que provém de Deus e constitui a sua liberdade. É pela autoridade de Deus à qual Jesus recorria em sua mensagem e atuação que seu drama será solucionado³¹. A solução se dá

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 274 et. seq.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 276.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p.280.

³¹ Cf. *Ibid.*, p.280. Da existência humana pode-se também afirmar tal drama que se faz tão presente na vida. Nas perguntas mais profundas e determinantes para seu destino, o homem ainda se vê desarvorado. Isso se dá principalmente quando o homem se envereda na busca de falsas liberdades, não vislumbrando a verdadeira liberdade que ancora na legítima união com Deus. A

diante da ressurreição, e esta passa a não ser uma experiência pessoal de Jesus, mas acontecimento que atinge a todos os homens. Jesus é o representante de toda a humanidade diante de Deus, e tal fato demonstra que Ele realizou em sua vida a determinação específica do ser humano como tal. Na ressurreição, Ele garante aos demais homens a comunhão com Deus. A cristologia moderna compreende que Jesus é o homem autêntico em sua abertura para Deus, na sua total confiança no futuro, na sua responsabilidade filial em relação ao mundo e à solidariedade com os outros³².

Por fim, Pannenberg constata que é mediante a ressurreição, que Jesus significa o cumprimento das promessas proféticas escatológicas do povo de Israel, levando a termo os anseios mais profundos de toda a humanidade. Este futuro escatológico representa o revelar do autêntico ser humano dos tempos passados, sendo este, transformado num homem novo, novo *Adão*. Paulo aos Romanos nos alerta que “a esperança não engana, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (cf. Rm. 5,5s.). Por este amor de Deus, manifestado na ressurreição de Jesus Cristo, todos passam a ter acesso à vida nova que surgiu no evento da ressurreição de Jesus. É neste sentido de vida nova para o homem que comporta falar também de reconciliação. Jesus reconcilia a humanidade com o Pai; por Jesus Cristo, Deus renova a sua aliança com o homem e novamente o introduz no caminho da salvação; o homem se vê reconciliado com Deus como trataremos na próxima abordagem.

5.2.2

O Verbo se encarna e o homem se reconcilia com Deus na pessoa de Jesus Cristo

filosofia existencialista, muitas vezes mergulhada no mais fundo abismo da vida humana buscou encontrar respostas para a angústia e o desespero humano, mas acabou reduzindo as suas respostas no próprio homem. Aqui vale a frase de Agostinho citada por Miguel de Unamuno “*procurar-te-ei, Senhor, invocando-te, e invocar-te-ei crendo em ti. Invoca-te, Senhor minha fé, a fé que me deste, que me inspiraste com a humanidade de teu Filho, pelo mistério de teu pregador*”. Esta confiança é o que possibilita também aos demais homens achar ao modelo de Jesus Cristo, respostas para suas vidas (cf. Miguel de Unamuno. **Do sentimento trágico da vida – nos homens e nos povos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

³² Cf. *Ibid.*, p. 281.

A afirmação joanina que o *verbo era a verdadeira luz que ilumina todos os homens* pode nos colocar de encontro ao que Pannenberg trabalha quando mostra a Encarnação de Jesus na história. Jesus participa da comunidade humana para revelar a ela o caminho do Reino de Deus. A missão de Jesus é reconciliar a humanidade com Deus, libertando-a de todas as amarras e pecados. Em Jesus o homem é portador da Graça e do amor de Deus. O Verbo de Deus se faz homem para elevar o homem à Graça de Deus, reconciliando-o definitivamente.

Conforme a tradição judaico-cristã o homem é criado a imagem e semelhança de Deus, mas devido à queda, o pecado da desobediência, há um rompimento da relação homem-Deus. Como oferta amorosa de Deus, o Verbo que se encarna na história humana assume a missão de reconciliar o homem com Deus. E na Encarnação, bem como no cumprimento de sua missão Ele é para os cristãos o novo Adão. Jesus é o mediador definitivo na relação do homem com Deus.

Quando Jesus assume a história humana, esta ultrapassa os próprios limites e se eleva à história divina. O homem, na sua história, se vê reconciliado com Deus e espera a plenitude da história como plenitude da realização humana.

Com Jesus Cristo a esperança de Israel é modificada profundamente e adquire um caráter universal. Agora Jesus é o homem novo e escatológico, a figura definitiva de homem, aquele que responde às intenções de Deus, intenções que já se faziam presentes desde a origem humana na criação. Como já foi afirmado antes, Jesus é o homem novo enquanto se mostra obediente a Deus na sua paixão e morte (Rm. 5,19). Pela ressurreição de entre os mortos Ele é o homem definitivo, transfigurado e plenificado pelo Espírito³³.

A filiação divina de Jesus, estendida aos cristãos, como está apresentada em Paulo (Rm. 8,16; Gl. 4,5s), não representa uma novidade absoluta, já que estava presente na fé do povo de Israel. A

³³ PANNENBERG, W. **TS2**. p.359. Pannenberg, ao refletir a problemática cristológica, propõe uma superação para as dificuldades, apontando não a Encarnação como ponto de partida para explicar o humano e o divino em Jesus, mas a história concreta, assim tempo e eternidade não são vistos de forma dualista, numa relação de exclusão, mas sim como inclusão. A Encarnação de Deus em Jesus Cristo aparece como uma intenção que havia em Deus desde a eternidade. Contudo só se chega a tal verdade pelo acontecimento temporal de caráter definitivo.

novidade é que ela vem do dom do Espírito e da comunhão com Jesus Cristo o Filho de Deus. O Espírito da filiação de Jesus se dá ao homem como revelação na Encarnação do Filho numa figura humana; a missão de Jesus assume um itinerário histórico. Pannenberg trabalha com a idéia de que é impossível dissociar a pessoa de seu caminho histórico, pois somente na história da pessoa é que se desenvolve a identidade como personalidade, é na totalidade da existência que definirá os indivíduos dos quais se reconta a história.³⁴

A autodistinção de Jesus do Pai, ao assumir a sua condição de criatura, afirma o fundamento da própria possibilidade e realidade de cada existência criada. O homem pode, por Jesus Cristo, superar através da própria autonomia as dificuldades e limites e realizar a sua vocação, elevando-se além das fragilidades presentes na vida que constituem uma situação de escravidão e alcançar a verdadeira libertação³⁵.

A vinda do Filho, na Encarnação de Jesus e a sua missão, assumindo o seu ser homem, implica por si só uma referência a todos os seres humanos. Pannenberg mostra através do quarto evangelho: Deus enviou seu Filho ao mundo para salvá-lo (Jo.3,17; 6,38s). Desse modo, a missão de Jesus tem seu fim: a humanidade, libertá-la do pecado e da morte e reconciliá-la com Deus³⁶. Mesmo que as expectativas sobre Jesus junto do seu povo, não se realizassem como esperavam, Ele não foi o libertador político desejado por eles. Pode-se dizer que Ele propõe uma libertação, que propicia ao homem a verdadeira comunhão com Deus. Jesus no seu confronto com a lei judaica, mostra que ela deve-se libertar do partidatismo, abrindo-se a todos os homens. Pela sua morte e ressurreição, ele deixa de ser o Messias só dos hebreus, e passa a sê-lo

³⁴ Cf. Ibid., p.363. Para Pannenberg a fundamentação da unidade de Jesus com Deus está na força retrospectiva de sua ressurreição, aí se faz compreensível o caráter oculto durante a vida terrena de Jesus e se dá, portanto, espaço à genuína humanidade de sua existência.

³⁵ Cf. Ibid., p. 364.

³⁶ Pela teologia paulina, Pannenberg traz à tona a idéia de filiação divina de Jesus, associando-a com a confirmação de fé na sua messianidade. Os enunciados da primeira experiência cristã caracterizam a figura do homem escatológico não somente ao restrito mundo da fé hebraica, mas adquire um alcance universalizante.

de toda humanidade. Jesus quer unir a Deus os homens, segundo a imagem do homem novo, do homem escatológico³⁷.

Por fim, cabe dizer que Jesus revela no presente o que o homem será no futuro. Ele, ressuscitado dos mortos, representa o futuro escatológico do ser humano, revelando-se como o “já” teológico, como esperança realizada para o homem que “ainda não” experimenta em plenitude a própria salvação. Jesus já é o protótipo da realização humana, antecedendo-nos como mediador e reconciliando-nos com Deus. É neste sentido que podemos afirmar, através da teologia, que a nossa salvação está em Jesus, que Ele nos liberta e nos dá novamente a qualidade de filhos de Deus. A ação de Deus na história pela Encarnação abre à humanidade um horizonte de esperança e de futuro. Esta esperança futura marca o caminho do homem como fim definitivo, e tal fim, acontece no tempo escatológico, momento de plena realização do ser humano em Deus.

5.3

A plenitude do homem na revelação do amor de Deus

Para terminar este estudo antropológico, faz-se imprescindível o tema da experiência humana do amor de Deus. No meio de vários aspectos abordados por Pannenberg na sua escatologia, acreditamos que o tema do amor tem substância suficiente para encerrar tal estudo. Assim, junto com Pannenberg, pode-se afirmar que o destino final do homem é o amor de Deus.

O desejo mais profundo que marca o caminho do ser humano é a superação de seus limites e fragilidades. Numa história marcada por misérias, dor e angústias, o homem busca para seu coração a felicidade e a paz³⁸.

³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 366 et. seq. Faz-se importante lembrar que Pannenberg atribui em sua obra um respeitável lugar à escatologia. Na sua antropologia, mesmo que não tenhamos nos dedicado à ela devidamente, ela aponta para o desfecho definitivo e decisivo para o homem. É no *eschaton* que ao homem será revelado a plenitude de seu ser.

³⁸ O documento **VATICANO II** na Constituição Pastoral **Gaudium et Spes** lembra que, marcados por uma situação tão complexa, muitos dos nossos contemporâneos são impedidos de discernir verdadeiramente os valores perenes (...) assim, inquietos, eles se interrogam, num misto

O autor, ao tratar o tema do amor de Deus na criação não fecha os olhos para a questão do mal que se faz presente no mundo. Este problema é tratado desde o tempo dos padres da Igreja antiga. A teologia cristã respondeu a tal dificuldade e suas conseqüências referindo-se à liberdade a que Deus quis dotar as criaturas superiores, isto é, os anjos e os seres humanos³⁹. O mal e suas conseqüências são resultado da autonomia que a criatura goza, mesmo que tal autonomia seja traço imprescindível de uma existência criatural ao lado do ser eterno de Deus. No caso da pessoa humana verifica-se a capacidade de escolher entre as diversas possibilidades de querer e de agir, tal capacidade, que é qualificada como liberdade, é condição necessária, mas não ainda suficiente para a verdadeira liberdade, a liberdade de filhos de Deus (Rm. 8,21)⁴⁰. Neste sentido, a capacidade de escolher entre as diversas possibilidades indica uma forma elevada de autonomia da criatura, mas ao mesmo tempo, lembra Pannenberg, é extremamente frágil, pois muito facilmente na prática pode levar a pessoa a perder a autonomia, que Deus doou a este ao criá-lo, uma vez que se faz escravo dos poderes do pecado e da morte⁴¹.

O acontecimento escatológico não anula a autonomia atribuída à criatura, ela se mantém respeitada e tal circunstância é que permite a realização da verdadeira liberdade humana, assim como é nela que se fundamenta o caráter de reciprocidade que caracteriza a glorificação escatológica. A plenificação da vida humana, como eternidade, só se faz possível devido a sua existência no tempo que já é a antecipação da eternidade e com a Encarnação de Jesus, sua mensagem e sua atividade inaugura por definitivo o futuro salvífico do reino. Pannenberg expõe que

de esperança e de angústia, sobre a evolução atual do mundo. Este curso não só desafia os homens, mesmo força-os a uma resposta. É ainda no número 21 que o documento afirma “*Só Deus dá uma resposta plena e totalmente certa ao problema do homem*”.

³⁹ PANNENBERG, W. **TS3**. p. 670.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 70. A obra **A Salvação de Jesus Cristo** de Mario de França Miranda, aborda com rara beleza e de forma profunda, o tema da liberdade no sentido cristão, sinalizando assim, para a verdadeira libertação da liberdade e esta se dá na verdadeira vivência da experiência do amor como *ágape*- amor fraterno.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, p.670. Mesmo que o tema do pecado e da morte marcam um grande percurso no tratado da graça, em Pannenberg, nós aqui não realizamos o caminho feito por ele, já que tal temática merece um estudo específico; aqui contentaremos em indicar que este tema é amplamente abordado na teologia Sistemática de W. Pannenberg.

também pelo batismo os cristãos se unem a Jesus Cristo e à sua ressurreição⁴². Aqui se trata de uma participação sem limite e sem barreira na vida eterna de Deus. Não uma participação limitada, mas já marcada pela presença criadora do Espírito divino.

Pannenberg continua a reflexão mostrando que o antecipar do futuro escatológico de um Deus eterno, que faz questão de entrar no tempo e na história humana, é como que um temporalizar-se do amor divino. Mesmo não renunciando à própria eternidade, o amor de Deus produz o tempo, age nele e se faz presente no tempo. É no tempo da criatura que se inicia o futuro de Deus e sua comunhão com ele⁴³.

Para Pannenberg, já na criação, no ato criador, Deus exprime seu amor ao mundo, dando vida às criaturas e participando a todo tempo dela. Ele reforça que a expressão por excelência do amor de Deus se dá na sua atividade conciliadora, que faz irromper no mundo o reino futuro. E o culminar do amor de Deus ao mundo se dá com o envio de seu Filho, pelo acontecimento da Encarnação, em que ele mesmo se faz presente no meio dos homens, através de Jesus. Pela Encarnação Deus insere o ser humano como participante da relação filial de Jesus com o Pai. Ao homem é permitido participar do futuro de salvação e da certeza do amor salvífico como Dom permanente do Espírito Santo⁴⁴.

Pannenberg conclui sua escatologia dizendo que a economia divina de salvação exprime o futuro de Deus que se antecipa em função da salvação das criaturas na manifestação de seu amor. Assim, as criaturas são por Deus incluídas na vida trinitária e o amor de Deus, revelado na economia da salvação é a pulsação do amor trinitário, compreendido no mundo inteiro pelas criaturas.

⁴² Cf. Ibid., p. 672.

⁴³ Cf. Ibid., p. 672.

⁴⁴ Cf. Ibid., p. 672.